



O ACTOR ZACCONI NO «HAMLET»

N.º 219

Lisboa, 2 de Maio de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Ilustração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Companhia do Papel do Prado

CAPITAL	
Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização ...	266.400\$000
Réis	950.310\$000

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

ianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

270, Rua da Princeza, 276, LISBOA — 49, Rua de Passos Manuel, 51, PORTO. *Endereço telegr. em Lisboa e Porto: Companhia Prado.*
Numeros telephonicos: Lisboa, 605 — Porto, 117.

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria (Lousã), Valle Maior (Lousã), Albergaria-a-Velha (Lousã), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Lousã), Albergaria-a-Velha (Lousã).

23 a 173 Frs. por semana, a homens, senhoras e jovens. Muito honroso, facil, não necessitando nenhuns conhecimentos especiaes. Venda assegurada.

A. H. HORTON
56, RUE CARVÉS
Grand Montrouge FRANCE
(SEINE)

COMPREM AS Sedas Suissas

Pecam as amostras das nossas Sedas Novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:
Diagonal, Crepon, Surah, Mohair, Crêpe de Chine, Foulards, Mousseline 130 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em preto, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «batistes», lã, «toiles» e seda. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, **directamente nos fabricadores e francas de porte e domicílio.**

Schweizer & C.^o
Lucerne E II (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

PARA ENCADERNAR A Ilustração Portuguesa

Já está a venda bonitas capas em peraltos de phantasia para encadernar o segundo semestre de 1909 da Ilustração Portuguesa. Preço 200 réis. Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem se requisitar. A impo tancia p de ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registrada. Cada capa vem acompanhada do indice e frontispicio, respectivos.

Administrção do SECULO—LISBOA



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

VESTIDOS BORDADOS em Batiste, Toile, Shantung, Pongee, Tulle, Chifon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50. Blusas bordadas em Batiste, Toile, Lã, Cachemire, Tulle, Japonais, Louiseine, Crêpe de Chine, desde fr. 9,50, franco de porte no domicilio.

Pecam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.^o, Lucerne A 22 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

Penteados = Artística phantasia ondulação!

Sem arrancar nem queimar os cabellos, feita, em poucos minutos, com o **frisador Electrico do West**, que não vai ao fogo!



como os antigos frisadores, que apenas escangalhavam os cabellos. 5 Frisadores 600 réis, pelo correio 650 réis.

Sabonete de verbena calendulada. — Este sabonete a tão puro como o beijo de uma mãe! Lubrifica, conserva e aumenta a frescura juvenil, reconstituindo a belleza. Preço 500 réis, pelo correio, 550 réis. A' venda na **Perfumeria Balsamo**, r. das Retrozeiros, 111. Telephone 2.777.

Deposito geral, rua dos Retrozeiros, 46, 2.^o Esq.^o

Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal e do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chitronante e physionomista da Europa

MADAME Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Nas chitronante, que faz das ciencias, chironancia, ethnologia e phisidologia e pela applicação praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrzo, d'Arpenigne, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos electos da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemã, Italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete:
43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA.

Consultas a \$900 rs., 2500 e 3600 rs.

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo

L'ÉQUEANT, Pharmacieville, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dar-lhe para todos os indolimentos cronicos

A' venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

UMA ESCOLA

RACIONAL



Grupo d'alumnos e d'alguns pro

fessores da Escola-Officina n.º 1

Lisboa tem a sua escola racional, de poucos conhecida. Fica no garrido bairro da Graça; chama-se a Escola-Officina n.º 1. Ali nunca se cala o alegre chalar da pequenada, que tão depressa está nas aulas como nas oficinas, ba-

lanceando-se nos trapezios do jardim, onde por esta primavera já estão floridas as arvores, como ouvindo a palavra fácil do dr. Adolpho Lima, que muito claramente lhes vai falando, vestido na blusa azul, o uniforme despretençioso de professores e alumnos.

Foram postos de parten' aquella casa os velhos methodos; ensina-se, acima de tudo, a razão das cousas; deixa-se discorrer á vontade aquellas cabecinhas a que se vai levar muito logicamente a luz. Não é uma escola como as outras; não se tem que medir os passos para

não perturbar o silencio enervante das aulas; não se encontra uma cara austera a evocar a auctoridade archaica do mestre; não ha o terror; reina uma atmospherá de carinho. O mestre senta-se entre os discipulos, como nas estampas christãs se vê Jesus; explica como um irmão mais velho, mais sabedor, aos novos ansiosos de saber; aquelles rostos abrem-se em alegrias; as vozes erguem-se de quando em quando a fazer perguntas sem tremores, sem receios, naturalmente. Não se tem medo de não saber; não ha cathedra; não ha emulações. Todos são eguaes. Depois basta ver a forma racional do methodo; a geographia a ser ensinada deante de estampas que representam cidades formosas, rios largos, montanhas enormes onde pennacha o fumo dos vul-

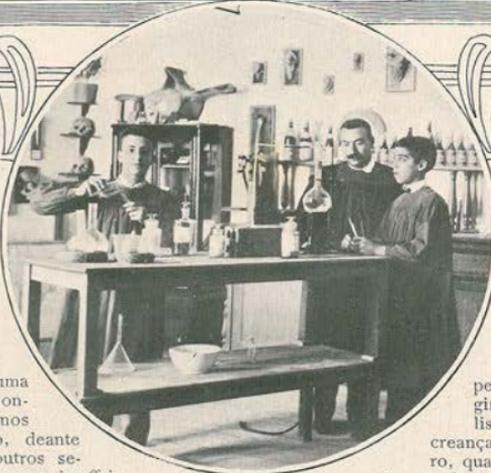
canos; a historia a ser ensinada deante de estampas que representam batalhas e grandes feitos; a geographia a ser ensinada deante de estampas que representam cidades formosas, rios largos, montanhas enormes onde pennacha o fumo dos vul-



N'um exame: os srs. drs. Brito Camacho e Adolpho Lima, professores e examinandos na Escola-Officina n.º 1

cões; a sociologia feita em per-

guntas a que os alumnos respondem por escripto, segundo o seu raciocinio, todo o passado marcado por exemplos praticos; as sciencias experimentalmente apresentadas; o desenho feito sobre o mesmo objecto collocado deante dos estudantes; tudo isto á mistura com o ensino pratico d'uma arte, a marcenaria ou carpinteria. Ha uma officina, a de entalhador, onde todos aquelles pequenos vão modelando o barro, deante das figuras, enquanto outros seguem a sua phantasia. Alguns mais affictos a uma poesia propria dedicam-se ás longas personagens com roupagens esvoaçantes: a Liberdade ou a Justiça, o Bem ou a Fraternidade. Um pequeno estava fazendo a seu talante uma estatueta: a da Immortalidade, a cujos pés — dizia elle —



dos e vae fazer exercicios; os seus corpos franzinotos sobem pelos mastro; os seus labios abrem-se em gargalhadas e nota-se o cuidado com que os maiores vigiam serenamente os mais pequenos.

Florescem as arvores e ninguem lhes mexe; quando carrega de fructo o lindo alpercheiro nem uma só d'aquellas mãos se levanta para colher um alperche; as pernas das larangeiras e das ginjeiras estão sem uma beliscadura, tal é o respeito das creanças pelo arvoredo. Em janeiro, quando entram as novas camadas escolares, porque ali o anno vae de

cabo a cabo no estudo, lá apparece algum pequenito mais atrevido que tenta contra a arvore, mas nos proprios concidipulos encontra taes exemplos que dentro em pouco é elle o primeiro a respeitar o culto d'essa vida presa á terra abençoada.



1.—O laboratorio de chimica. 2.—Uma aula pratica

collocaria a charrua e os instrumentos do trabalho. Aquella obra seria dedicada a Ferrer, que na sua mente infantil já avoluma como um ente grandioso.

E enquanto nas officinas se modela o barro e depois se entalham na madeira aquellas figuras, vem do jardim a grita da pequenada que de vez em vez larga os estu-

Encantadora escola aquella e que homens de lá sahiriam se pudesse ser continuada em estudos secundarios e superiores! Mas não. E' frequentada por filhos de gente pobre; crianças que vão de manhã para as aulas e quasi não as querem deixar; que fazem d'ella um lar commum, n'uma associação cheia de dignida-

de. Um dia chega em que tem de deixar a casa. As famílias carecem do seu parco auxilio e quantas intelligencias que iam d'aí tão bem formadas, porque são maravilhosamente dirigidas, se perdem depois no contacto da vida cheia de brutalidades e sem terem uma completa instrução que lhes dê o restante. Quando não saem no meio do curso, quando chegam a completá-lo então não carecem de mais ninguém. São ou mar-

resto já feita nas aulas, por um systema curioso.

O professor dr. Adolpho Lima mandou-os ha tempos descrever viagens a alguns pontos do globo e os rapazes, ao mesmo tempo que faziam os mappas, iam marcando as composições geologicas de certos terrenos, contando da fauna e da vegetação, evocando os factos historicos passados n'aquelles logares para onde a imaginação os levava, não já como crian-



1 — Grupo de alumnos e o A. B. C. do cão da escola

2 — Entalhadores

ceneiros distinctos como os que estão fazendo um bello feramental na officina; ou entalhadores, que desenham, modelam, executam a obra como o rapazito que fez a moldura para um retrato de Alexandre Herculano.

A instrução primaria ministrada n'aquella escola é a verdadeira base para os estudos secundarios. A criança não decora, não armazena, não se enche de idéas feitas — o mal de toda a educação — não se agarra ao preconceito como a um bordão, discorre e raciocina, porque a isso vae afeita desde o primeiro momento.

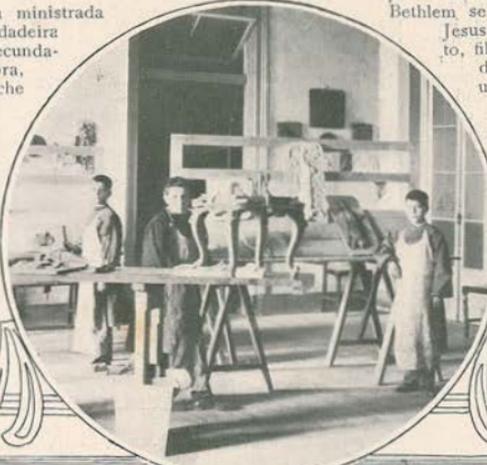
De quando em quando, ao desabrochar dos verões, os escolares vão de ranchada n'uma excursão pelos arrabaldes e então é vê-los na applicação practica do que sabem, de

ças viajando em regiões de sonho, idealizando fadas, gnomos e lobishomens, reis que tem princezas para dar em casamento aos protegidos das deusas, mas arrimados ao seu saber, vendo coisas

positivas, sabendo que na poeira de Bethlem se marcaram as pégadas de Jesus Homem e não de Christo, filho de Deus, e que deante das Pyramides não esteve um enviado do Destino, mas um general audacioso.

As convulsões da terra explicam-nas como a sciencia as define e assim a lava dos vulcões e o nascimento dos seres; a vida das nações, a rotação dos astros, aprendizado, tudo isto, por um meio claro tanto quanto possível coadunado com a instrução primaria.

Nas excursões vão colhendo plantas e catalogan-





A aula de desenho

da-se no trabalho e ha nos seus estatutos paragraphos que são d'uma grande dignidade, que representam um auxilio hoje dado a uns, amanhã dispensado a outros. Um dos pequenos trabalhadores invalidado, pela doença, terá quem faça a sua tarefa. Não é apenas um obreiro que a ella se dedica. São todos no formoso principio, que derrue o egoismo, de um por todos e todos por um.

Isto é o lado material da questão ligado ao fundo profundamente moral que, enchendo aquellas almas infantis, acabará por formar homens sãos.



do; fazendo as suas provisões d'animaes e de conchas, discutindo uns com os outros, contentes porque enriquecerão as colleções da escola; legarão tudo isso, no fim dos estudos, aos que vierem, sentando-se lá no meio dos campos, á sombra d'algumas arvores ou junto a alguma fonte a comerem a sua merenda em liberdade. E ao cabo do dia, teem feito uma viagem de estudo e um agradável passeio, vindo n'aquella boa communidade que já levou as crianças a fazerem uma associação.

Chama-se a *Solidaria* e está installada na escola. Não vive d'escolas; fun-



1—Modelo para um pé de tamborete Luiz XV, trabalho feito por um alumno de 14 annos. 2—Um trabalhador solitario



Trabalho d'um alumno de 10 annos: primeiro anno de obra de talha

Desfallece um condiscipulo, sente-se impotente para a tarefa, pois logo os outros se agglomeram a dizer-lhe docemente que não deve desanimar. Não ha a emulação, essa vibora que gera inimigos para toda a vida de crianças que deviam amar-se; cada um faz a sua tarefa crente no auxilio de todos e é vêr a alegria com que elles admiram sem inveja o trabalho d'um companheiro, mesmo sendo melhor do que seu.

Interessante escola aquella onde duas



Na aula de chimica

senhoras, com maternas carinhos, ajudam a obra dos irmãos Lima; uma dedicando-se a ensinar as primeiras letras ás crianças, não em classe para que não se aborrecam, mas duas a duas, para melhor fixarem as atenções; dirigindo-as ao mesmo tempo na escripta fazendo-as servir-se tanto da mão direita como da esquerda; a outra senhora é a professora de francez. Não fala, dentro da escola, senão a sua lingua e assim os rapazes vão aprendendo pequenos trechos, phrases, palavras, o que lhes facilitará por fim a conversação.

Quando ali se entra respira-se uma atmospherá de bondade; sente-se que se está n'uma escola onde os alumnos vão por gosto; quando se sabe traz-se a impressão de que elles vivem ali por prazer.

Todos os dias os srs. Luiz Filippe da Matta e Lima Bastos e esse devotado apostolo da escola liberal,

Luiz da Matta, filho, ali passam horas dedicando-se á sua tarefa, vendo os progressos d'aquellas crianças que são educadas d'uma forma racional digna de todo o elogio. Já passou o tempo da velha disciplina escolar; as crianças já não se ensinam com a despotica auctoridade que só faz crear rancores; os velhos methodos, todos pouco intuitivos, estão condemnados. Ergue-se uma nova forma de instrução, pratica, logica, racional, e a Escola-Officina n.º 1, cujo lemma é o trabalho, o que se vê nos seus emblemas, adoptou-a para formar consciencias.

E isso marca-se não só nas aulas mas nas officinas, como por exemplo se vê na de entalhadores, onde aquellos brancos se movem, agora afeiçãoando o gesso, logo escavando com o formão na madeira, tudo isso feito alegremente, e de tal maneira ensinado que se vêem trabalhos de crianças de quatorze annos que um official da arte não repudiaria.

Não é a rebellião que se ensina; é a educação que se faz, é o desenvolvimento de idéas proprias que se procura para esses futuros cidadãos a fim de não viverem amarrados ás idéas feitas,

aos preconceitos, aos dogmas que só servem para destruir a iniciativa paralyser a vontade, fazer do homem o escravo de todo um passado, quando hoje é necessario caminhar olhando para o Futuro. E' essa a obra da Escola-Officina, que se mostra com a sua fachada azulejada, n'uma fila elegante, ao fundo do largo, n'esse garrido bairro da Graça, toda atroada pelo vozear alegre das crianças do povo.

ROCHA MARTINS.



Outro trabalho de talha por um alumno de 12 annos

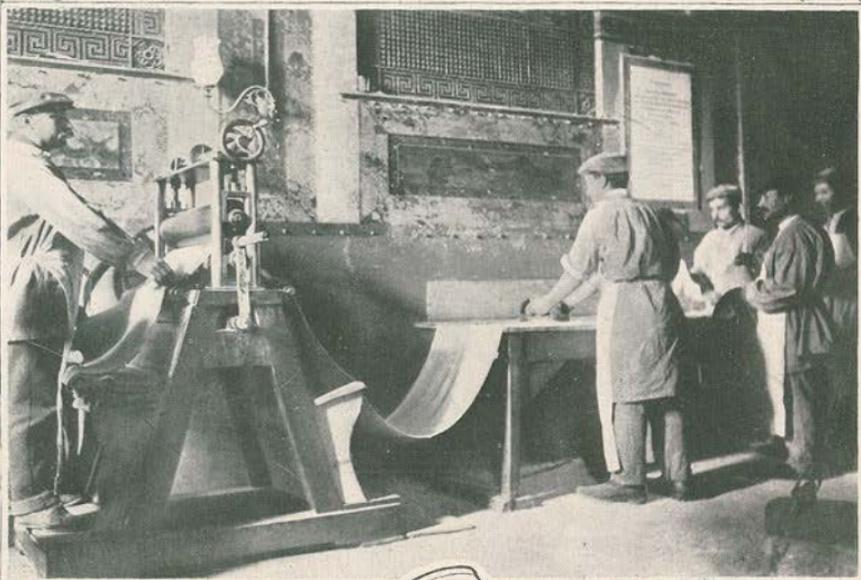
COMO SE FABRICA O PÃO AZYMO

O pão asymo é massa sem o fermento que os israelitas comem durante a sua Paschoa, cujas solemnidades hontem terminaram. E' a maior festa judaica e evoca a velha legenda de Moysés, quando o povo d'Israel andava perseguido no Egypto. O grande legislador e propheta lançou—diz a lenda—para a terra dos Pharaós dez pragas, uma das quaes era a morte de todos os primogenitos dos naturaes, sendo poupados os filhos dos judeus em cujas portas se derramára sangue do cordeiro puro para serem reconhecidos. Sahiu então do Egypto o povo hebreu, vencida a resistencia do rei aterrado por tantas calamidades e passou o Mar Vermelho em busca da Terra Prometida.

Foi assim que Moysés instituiu a Pas-

via explicar o sentido da cerimonia realisada e então, pela meia noite, abriam-se as portas do Templo e ia-se assistir aos sacrificios.

N'esses sete dias da sua Paschoa, os israelitas não comem outro pão a não ser o asymo. Assim succedeu na passada semana com os oito milhões setecentos e noventa mil judeus espalhados por toda a terra em seus commercios e misteres. Não tem fermento esse pão em memoria—diz ainda a lenda—das familias hebraicas sahirem tão precipitadamente do Egypto que a farinha não teve tempo de levedar. As leis tradicionaes presidem á fabricação d'esse pão sagrado. O grão era colhido, moído e amassado por israelitas conforme o ritual. Furava-se



A massa sabindo

da machina.

choa judaica: o *Pesah*—a passagem do anjo vingador que aniquilara os jovens egypcios—e que se celebra durante sete dias. Logo no decimo quarto dia do mez de primavera era imolado o cordeiro para ser comido com pão asymo em memoria d'aquelles cujo sangue derramado indicavam as moradas dos israelitas no Egypto, por esse recuado tempo de Moysés.

Durante alguns seculos os judeus se reuniram n'essa decima quarta noite da primavera e comeram o anho pascal; o que ainda hoje se faz embora se tenham modificado um pouco essas reuniões. O dono da casa, interrogado pelos convivas, de-

com os dedos e mettia-se no forno, d'onde sahia para as casas, a fim de figurar nas mezas judaicas durante esses sete dias consagrados a cumprir o preceito mosaico.

O progresso, que em tudo se tem mettido, que tem acabado com velhos usos, na sua rapida marcha, não conseguiu destruir o uso do pão asymo na grande festa israelita. Obteve, porém, que esse pão cuthal fosse fabricado pelas machinas. Segue-se ainda a mesma cerimonia ritual; o trigo é colhido e moído por israelitas, mas um grande engenho, que gente da mesma religião move, vae amassando, fazendo da



A perfuração

do pão asymo

farinha uma larga fita que dentro em pouco entrará na outra machina onde lhe abrem os turos. Depois resta co-



zel-o para elle apparecer no primeiro dia de Paschoa á meza da familia que consagra a sahida feliz dos seus antepassados.



O pão para o forno.

do da terra má onde os castigavam, vexavam e feriam.

Em 23 d'abril, depois do pôr do sol, começou a solemnidade.

O povo Eleito do Senhor, e que tanto tem soffrido, partiu o primeiro pedaço do pão asymo e commemorou ainda esse mez de Nissam em que se salvou do jugo pharaonico. Já passaram milhares d'annos e de quando em quando ainda novos Pharaós surgem a querer impedir-lhes a sua marcha, a não lhes deixar levedar o seu pão. No seculo XVI foram os éditos de Portugal levando essa laboriosa raça a enriquecer a Hollanda, depois a fogueira do Campo da Lã em que se queimou Antonio José da Silva, como tinha sido a legislação carlovingia a fazel-a serva, as leis d'expulsão, as perseguições de dominicanos e jesuítas, o odio religioso que ainda de quando em quando desperta.

O ultimo homem d'essa raça a quem torturaram foi Dreyfus, que nas Paschoas pas-

sentirem o rumôr levantado contra os seus, porque o hebreu, por mais alto que esteja collocado, nunca perde o espirito de socorrer o seu irmão em religião, o homem da sua idéa.

Por isso todos esses judeus que vivem sem recursos, cumpridores da sua lei, esperançados pelo seu feito messianico, mas contando tambem com a sua energia, não deixaram de comer o seu pão asymo n'esta época da Paschoa em que os ricos israelitas—mais de que em nenhuma outra época do anno—socorrem os pobres.

A Paschoa judaica diz quasi sempre com a Semana Santa catholica e só de muitos em muitos annos não coincidem as duas festividades. E' então como este anno, que a solemnidade israelita principia ao domingo. Abriam-se as portas dos seus templos, em volta das mezas de familia juntaram-se os israelitas e todos esses pobres, que vemos



Deposito de pão n'uma sala

do Novo Templo em Roma

sadas na sua cabana da Ilha do Diabo, decerto não tocou no pão asymo que lhe devia recordar a salvação da sua raça, a sua fuga a um despotico dominio.

Elle ali esteve. A justiça fez-se. O que seria a sua primeira Paschoa passada junto dos seus, o primeiro pedaço de pão consagrado, depois da sua reabilitação?!

Ao mesmo tempo que este israelita soffria na Ilha do Diabo a sua condemnação e se levantava um clamor quasi universal contra a sua raça, a Italia tinha no seu ministerio dois judeus: O general Ottolenghi, na pasta da guerra, e Luiz Luzzato, na da fazenda e cujos corações se deviam agitar ao

sempre na labuta, encontraram, com o seu pão asymo, um cantinho n'outros lares mais abastados, no dia solemne da grande festa: a Paschoa israelita.

Nos grandes centros israelitas como a Inglaterra, a Alemanha e a Austria, onde ha respectivamente cento e cincoenta mil, quinhentos e noventa mil e perto de dois milhões de judeus, o fabrico de pão asymo constitue uma verdadeira industria n'esse periodo das festas, sendo empregados obreiros extraordinarios para poderem fornecer todo o pão de que carece essa multidão de filhos do Povo Eleito do Senhor.

(Clichés Abeniacar)



O GRANDE ACTOR ZACCONI NO THEATRO D. AMELIA

Ermete Zacconi, que o publico tem applaudido no theatro D. Amelia, é o mais singular actor de observação e analyse, de detalhe e verdade que percorre o mundo, com a sua companhia, exteriorizando as obras mais difficeis do theatro. Não se limita a interpretar as creações dos auctores pelo lado que francamente apparece aos olhos, que se vê no decorrer d'uns ensaios para profanos e até mesmo para alguns profissionaes. Entende-as a seu modo, mette-se dentro d'ellas, vae como um grande realista, procurar na vida o que ella lhe póde dar para construir o seu papel harmonicamente com o pensamento do auctor. No resto é a mascara, a voz, a figura que se transmudam de personagem para personagem, chegando a assombrar. Ha nove annos, Lisboa, deslumbrada ainda pelas maravilhas de Novelli, ouviu dizer que ia chegar um outro artista tanto ou mais singularmente dotado que este. Chamava-se Zacconi. Ninguem o conhecia na península a não ser um ou outro diplomata que o vira na Italia crear com verdadeiro amor papeis das peças modernas, ser o interprete, para logo ser o maravilhoso embaixador da litteratura escandinava que então nos parecia vaga, nebulosa como os nevoeiros dos fjords, incomprehensivel e duvidosa. Habituaados ás velhas peças do repertorio francez, mais querido, que fazia gottejar romanticas lagrimas como a *Martyr*, interessar pelo enredo como o *Cesar de Bazan*, ou sentir ligeiramente como uma turbamulta de comedias de Scribe, cheios do theatro historico, todo de fatos berrantes, não comprehendiamos bem essa positiva analyse d'almas, essa dissecação de caracteres, essas figuras violentas, que eram a vida e n'ella vinham poderosamente exercer uma influencia.

Em Hespanha, onde o theatro de ha dois seculos tivera berço e dera origem a uma serie de obras primas francezas, Zacconi fôra levantado ás nuvens. De dia para dia anciava-se pela sua chegada. Os jornaes, então sem a larguissima informação de hoje, publicavam apenas reclamos ao actor. Nem uma nota biographica, nem uma critica mesmo transcripta da imprensa hespanhola. Zacconi chegou. Já lá vão nove annos. Era um pygmeu, dizia-se. Pequenissimo, sem mobilidade de physionomia, apenas qualquer coisa de intenso nos seus olhos, o revelavam. De resto uma vulgar cara de italiano; sem apuros de vestuario, sem gesticulação, homem apagado n'uma multidão e que talvez não chegasse a contentar o publico difficil da cidade.

Mas quem era Zacconi?!

Discipulo de Emmanuel, que adorara como um idolo, debutára em 1874 na peça *Os Dois Sargentos*. Tinha sete annos, pois nascera em Montecchio em 14 de setembro de 1867. Até 1884 vivera na companhia do mestre; de 1897, em deante, consagrado pela critica, formara a sua companhia. E era toda a gente a esperal-o, deante d'estes simples dados biographicos, a duvidar, a sorrir com esse tão facil



Zacconi no Hamlet





desdem lisboeta, quando n'aquella noite de 27 de novembro de 1901 o artista surgiu no palco do theatro D. Amélia na peça *Os Desonestos*, de Gerollimo Rovetta, então um moço dramaturgo n'um periodo de transformação, sonhando já com audacias, mas ligado ás explorações folhetinescas que lhe davam para viver. Pois apesar da peça ser toda de episodios, de scenas desordenadas, o grande actor conseguiu electrizar a platéa, ao lado de Ignez Christina, a celebre actriz que ainda hoje o acompanha, para d'ahi a pouco ser um perfeito bronze, terrivel, estranho na sua sobrehumana mascara, onde se gravavam todas as impressões, ao interpretar o *Pedro Caruso*, com a actriz Picellio, que nunca nos esqueceu.

Fôl uma grande noite d'arte. O que?! Pois era aquelle o pygmeu sem gestos, entrevisto na vespera, no lúscio-fusco de um bástido, concentrado e tristonho?!

Mas o assombro ia chegar. Zacconi representaria *Os Espectros*. Tinham-se feito tentativas d'arte em Portugal com peças d'Ibsen.

A Casa da Boneca representára-se no Gymnasio. Lucinda Simões, que é sempre uma innovadora, puzera-a em scena com uma audacia sem limites, atirando para a nossa admiração o drama soberbo do velho norueguez. A companhia de D. Maria fraccassára com a representação do *Pato Bravo*. Que ia fazer o italiano?!

A apresentar-se d'uma maneira tão original e tão natural ao mesmo tempo que os medicos, na platéa, olhavam com pasmo o singular artista desde a sua entrada n'esse difficil papel d'Oswaldo. Trazia na sua figura o estygma do seu nascimento. Filho d'aquelle grande ebrio, o capitão Alving, gentilhomem da côrte, Oswaldo soffria já da ataxia locomotora e scena por scena, sem um desvio, sem uma nota di-

versa, continuava a interpretar o seu personagem para no fim receber a consagração d'esse publico difficil ali, completamente dominado. Nas peças que se seguiam, *Amas Solitarias*, do socialista revolucionario que é Hauptmann, o auctor dos *Tecelões*, poema de miséria da Silesia; no *Poder das Trevas*, do evangelizador Tolstol,

com a sua larga observação da vida dos camponezes russos, como no *Kean*, produção de Dumas pae, o homem de imaginação portentosa, Zacconi conseguiu ser sublime. A scena da taberna, d'esta ultima peça, encheu d'assombro

o publico, e os artistas portuguezes, com Kosas e Brazão, á frente, não lhe regatearam os applausos conquistados com tão superior talento. Foram noites sem igual n'aquelle theatro, onde a figura pobre do artista parecia crescer, avultar, impôr-se por uma d'essas fortes convulsões do genio.

Pensou-se então em fazel-o representar o *Fr. Luiz de Sousa*. Portuga tinha tambem a sua obra prima de theatro; possuia um drama que estava consagrado e que o illustre Garrett escrevera sobre uma velha chronica, diz-se que por conselho de Herculanio, ha dias consagrado nas ruas para o animo das multidões.

E' certo que o dramaturgo falseára a historia; puzera a viver, com dezoito primaveas, essa Maria an-

gelical, que fallecera com dois annos, no dizer dos chronistas. Mas isso que tinha? Era a obra prima. Rossi representára uma traducção do drama feita por Giovenale Vegessi Ruscalla. Fôra tambem uma assombrosa noite, no palco do Normal, essa em que o sublime artista incarnára o papel de Manuel de Sousa Coutinho e a actriz Coselli o de Maria de Noronha. Para isso tinham concorrido os jornalistas d'aquelle tempo Ramos Coelho e José Ribeiro Guimarães. Era repetir a tentativa.



Zacconi no *Kean*





senta no theatro D. Amelia, com a mesma naturalidade, a mesma soberana arte, dando a mesma impressão ao nosso publico.

Do *Fr. Luiz de Sousa* nunca mais se falou. Em Paris fez-se a tentativa de o representar e parece que não agradou ás platéas ávidas de modernismo, mas entre nós, certamente, seria uma noite de grande enthusiasmo essa representação da peça, senão já muito grata aos nossos espiritos como theatro, ao menos muito nossa querida pelas suas tradições. Mas foi apenas uma idéa passageira. A vinda do grande actor a Portugal marca umas noites estranhas de suprema arte, que sobretudo servirão de estímulo para os nossos artistas e para os nossos dramaturgos.

A arte não tem patria, como o genio a não tem. Zacconi interpreta os dramas de Ibsen como os de Shakespeare; os *Espectros* como o *Hamlet*; as obras dos seus dramaturgos italianos d'Annunzio, Rovetta e Bracco, como o theatro singular do alemão Hauptmann, as peças de Tolstoi, o grande russo, como as de Brieux, e em todas nos dá a alta impressão que emana d'elle, que nos faz ver a obra por uma forma até então ignorada, n'uma revelação. E' o que se sente nos seus espectaculos: a forma inédita de exprimir as grandes tragedias.



Zacconi, fazendo a personagem da obra prima nacional, subiria ainda, se isso era possivel, no nosso animo. Outros jornalistas lhe falaram n'isso. O grande actor prometeu que, na sua segunda viagem a Portugal, interpretaria esse drama. Ficaram de lhe enviar o drama. Não sabemos se foi cumprida a promessa. O illustre tragico dizia até que, se não lhe agradasse a traducção, elle a faria de novo, como succedera com a do *Poder das Trevas*. Isto demonstra cabalmente a que alto enthusiasmo se chegou em Portugal para com o grande actor, que actualmentemente repre-

1—Zacconi no *Signorelli*

2—Zacconi no *Lorenzaccio*

· A SESSÃO PARLAMENTAR DE 22 D'ABRIL ·



Na memorável sessão parlamentar de 22 de abril o sr. dr. Afonso Costa leu cartas do sr. D. Fernando de Serpa para o sr. Antonio Julio Machado relativas a negociações com o sr. Hinton, e com outras pessoas. Notou-se que o ministério não assistiu a essa sessão. No medalhão vê-se, marcado pelo signal +, o sr. dr. Afonso Costa, ao lado do sr. dr. Alexandre Braga, aguardando o começo da discussão. (Cliché de ARNOLBI.)

SALERI · COCHERITO · DE · BILBAU · NO · CAMPO · PEQUENO



O aspecto d'um sector

Na tourada que se realizou no domingo, 24 de abril, no Campo Pequeno, tomaram parte os *espadas* hespanhoes *Saleri* e *Cocherito de Bilbao*, que trabalharam de fórma a agradarem ao publico.

Os banderilheiros



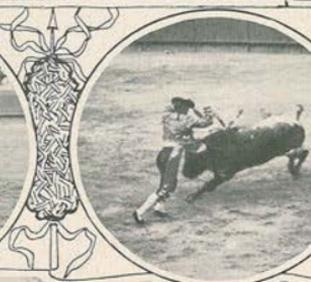
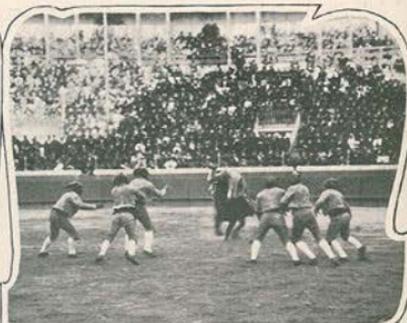
Cocherito, Saleri e os seus banderilheiros

Os forcados soffreram varios derrotes e alguns trambulhões notando-se falta de auxilio aos mais denodados, que se atrahiram rijamente para os touros. José Casimiro toureou com valentia e Eduardo Macedo fez uma boa tira.



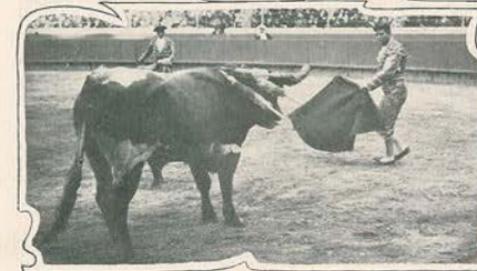
Um bom ferro à garupa por José Casimiro
O touro arremeçando *Saleri* contra a trinchera

portuguezes, que entraram na lide, foram Cadete, Manuel dos Santos, Thomé e Alexandre Vieira. Os cavalleiros eram Eduardo Macedo e José Casimiro. O *espada Saleri* soffreu uma colhida sem importancia, depois de ter bandarilhado com arte.



- 1—Uma péga
- 2—Um derrote
- 3—Cocherito cravando um par de bandarilhas
- 4—Um hom par de bandarilhas de Cocherito
- 5—Um hom par de bandarilhas de Sileri
- 6— Cocherito preparando o touro para a sorte de morte

- 7— Cocherito n'um passe por alto
 - 8—Consequencias do derrote
 - 9—Sileri preparando o touro para a sorte de morte
 - 10— Cocherito passando de muleta
- (Clíchês Benoiel)



A MISSA CAMPAL EM ARTILHARIA 1.

O CAPELÃO LEVANTANDO A DEUS



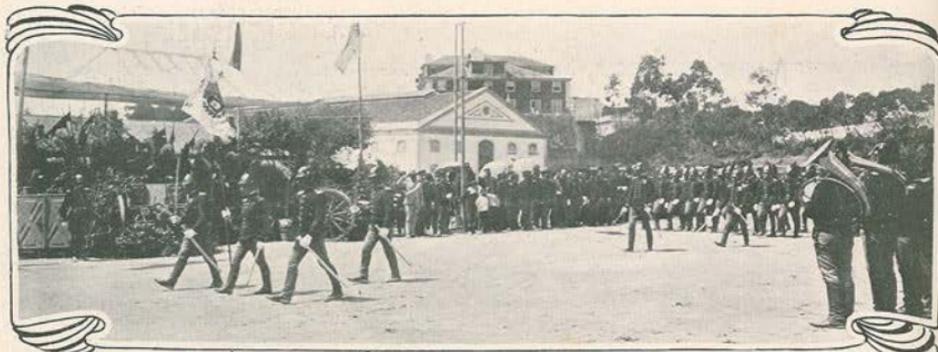
1—O capelão levantando a Deus. 2—A salva no momento de levantar a Deus. 3—O capelão fazendo a allocução aos recrutas. 4—O juramento. 5—A entrada d'el-rei no quartel



A festa militar que se realizou em artilharia 1, no dia 24 de abril, foi uma das mais interessantes das ultimamente realizadas nos regimens

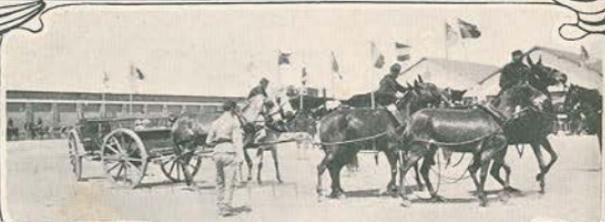


tos da capital. Inauguraram-se as salas destinadas aos sargentos e a cantina dos soldados, a primeira que se abre em quartéis portugueses,



Desfilada do regimento

a exemplo do que se faz no estrangeiro, e houve varios exercicios de *sport* que foram muito applaudidos. O chefe do Estado visitou o quartel, tendo palavras do maior elogio ante as novas installações, assistindo tambem á missa campal que



Exercicio de viaturas
A violenta descida d'uma viatura

foi celebrada pelo capellão do regimento, reverendo Elyσιο de Campos. Em seguida á missa prestaram juramento os recrutas, em numero de trezentos, fazendo-lhes o sacerdote uma vibrante e patriótica allocução. A' noite illuminou-se a fachada do quartel e houve sessão de animatographo, o que muito agradou aos soldados para os quaes a vida militar começa a deixar de ser a antiga existencia cheia de terrores e receios.



El-rei entregando um relógio como premio ao soldado d'artilheria vencedor na lucta de tracção no quartel d'engenharia
(Clíchés Benoliel).

A ILUSÃO

PEÇA EM 1 ACTO EM VERSO
DE ALFREDO GUIMARÃES
REPRESENTADA NO THEATRO D. MARIA II.
EXTRAHIDA DO CONTO DO MESMO TITULO DE
C. MALHEIRO DIAS

PERSONAGENS

O cego..... Ignácio Peixoto
Maria..... Palmyra Torres
Francisco..... João Calazans
João..... Mendonça de Carvalho
Luiza..... Maria Machado.
Em Polvoreira, nos arredores de Guimarães.
Actualidade

A casa d'um fogueiteiro e cozinha rustica
O CEGO, encapotado, volta-se ao lume. MARIA, recolhida no
quarto do lado direito, veste-se para a missa do gallo. Ouve-
se o vento, fóra. É' noite de Natal.

SCENA I

O cego e Maria

— O CEGO

Elle a missa é cantada?

— MARIA

Eu sei...

— O CEGO

Tarta demora...

Ser inverno, e tu só pelo caminho fóra...

Sempre é de noite...

— MARIA

Então...

— O CEGO

Leva o capote, ouviste?...

— MARIA

Já sei. Se ficares só, has de ficar mais triste,
não vou...

— O CEGO

Não. Deixa lá. O Francisco não tarda.
(espalmando as mãos)

O lume amorreou! O' vê... Quer-se que arda
até o outro vir.

(aproximando-se mais)

Inda tem lume, ainda ..



Alfredo Guimarães
(Cliché Vasques)

(com saudade)

Ah!... quem pudesse vêr-te, assim vestida e linda,
com o lenço do trinquê, o ouro ainda novo,
— como Nossa Senhora, a rezares entre o povo!
Mas estes olhos, Deus!.. não me dão uns instan-
tes...

D'hoje a cem annos és p'ra mim o que eras d'antes.
Tudo envelhece, eu envelheço, e os mais também,
porque é sorte que Deus a todos dá; porém,
como ha annos te vi (quando a luz nos ajuda),
tal qual te hei de vêr, emfim, que já não muda
o teu retrato — por mil annos que corresses...

(amargamente)

Feliz de tí, que dentro em mim não envelheces!...

— MARIA

Olha o vento!..

— O CEGO

A prêgar!...

— MARIA

Boa noite de festa ..



SCENA II — João, Luiza e o Cego



— O CEGO
Não ha saudade nem desgraça como esta...
Aqui sós... Vê tu lá se alguém acode em
vir!...

— MARIA
A tristeza faz mal a quem folgar e rir...
Foram-se todos...

— O CEGO
Lá vira o... Acaso a gente
não tem lenha no lume e vive honradamen-
te?

— MARIA (com tristeza)
A uns a noite é grande; a ou-
tros... noite morta...

— O CEGO (alterado)
A rir ou a chorar, tomára à minha porta
pouca gente da 'estranha... A outra, a
mais amiga,
virá, quando quizer, pela maneira antiga.
(pequeno espaço)

— MARIA
'Stá uma noite fria... Apetece o calor...

— O CEGO (triste)
Sim, elle o vento é grande; e o frio inda
é maior...

— MARIA
O teu irmão por lá!...

— O CEGO
Se agora vem, gelava...

(mexendo as brzas)
Faz hoje um anno que choveu, se Deus
a dava!...

E o vento que fez!... Mas a gente, feliz,
teve folgança, quanta andava e quanta
quiz!

(parando, abstracto)
Hoje, nem sei se vivo... Em vér isto
tão mudo...

anoitece-me a alma...
(triste)

Ah!... sempre o vér estudo!...
(enxugando os olhos)

Só faltava que eu visse... Era só vér...
Em summa,
bastava vér-te, e não faltava coisa al-
guma...

Desse-me Deus a luz dos olhos uns ins-
tantes
(uns instantes, sequer), a vér se, como
d'antes,
inda sabia rir (o que mal se acredita)
a tua bocca, que era nova e era bo-
nita!...

Mas elle é noite... noite sempre...
Sem parar,
sempre a mesma negra e o mesmo pesar...
Sempre...

— MARIA
nita!...

— O CEGO
Sem parar,
sempre a mesma negra e o mesmo pesar...
Sempre...

SCENA II

Os mesmos, João e Luiza

— João (fôra)

E' lá! O' Quim!...

— O CEGO (com a voz velada)
Abri...

— LUIZA (entrando com João)
Olha, ao borralho!

— O CEGO

Vida de quem é pobre e nunca tem trabalho...

— João
Qual trabalho, nem nada!... A gente espera em
Deus!

Vá, um cigarro...

— O CEGO (palpando)
Obrigado. Este é dos teus...

— João

«Fortes», é bem de vér.

— O CEGO (embulhando o cigarro)
Faz frio...

— João

Isso é que faz!

Um vento secco... E' verdade, o teu rapaz?

— O CEGO
Nem chegou, nem mandou. Espero-o desde a
tarde.
Ha de vir no caminho...

— LUIZA (ao lume)
O seu brazeiro arde!...

A Mariquinhas?

— MARIA (dentro)
Viva!

— LUIZA (levantando-se)
Então não deixa a roca?...

E' vestir-se...



A actriz Maria Machado no papel de Luiza
(Cliché de Vasques)

— JOÃO (para o cego)
Vá lá. O lume. Põe na bocca...

— O CEGO (puxando fumo)

Obrigado... Já está!

— JOÃO (sentando-se)
Pois bem te vae, meu caro!

— LUIZA (levantando a cortina do quarto)
Olha que tal!... Ainda está n'este preparo!...
Estou a vér que amanhã mette pês ao caminho,
Avie-se!...

(rindo)
O luar é como a flor do linho!

Azul!!!
— JOÃO (pondo os pés ao lume)
Geada assim!... Alastra toda a estrada!
Parece vidro, de tão grande e embranquiçada!...
(fôra, n'um rancho de locadores, uma voz canta:)

bis { Já lá vae o sol á serra;
á portelinha passou!...
Se não era do teu gosto,
meu amôr quem te obrigou...
CÔRO

Ai i o ai!...
Eu venho d'abeira-mar;
se eu agora não namoro,
quando hei de namorar!



— O CEGO (*pensativo*)
 Ah!...
 — João
 Os rapazes!.. E olha a noite está agreste.
 Mas sangue novo, que tem isso...
 — O CEGO (*prendendo a perna de João*)
 Quem é este?..
 — LUIZA (*rindo*)
 E' o pae, a falar!
 — O CEGO
 Tu estás gordo, homem ..
 — JOÃO (*rindo*)
 Como o outro que diz, os filhos não consomem...
 — O CEGO
 Estão creados!
 — JOÃO
 Bem lhes vae!...
 — O CEGO (*agitando a cabeça*)
 Ah!... bons vinte annos!...
 — JOÃO (*bateudo o pau*)
 Lembras-te, Quim? ..
 — O CEGO (*triste*)
 Então... Boa vida de enganos!...
 Tempo d'uma só vez! Quem o dera voltado...
 Então não era eu tão pobre e desgraçado...
 (*amargamente*)
 Partiu... Lá vae...
 — JOÃO (*com ironia*)
 Corre atraz d'elle, em pensamento!
 — O CEGO (*triste*)
 Nem que eu corresse muito mais que corre o vento...
 Partiu... lá vae...



— JOÃO (*levantando-se*)
 E eu vou, também. Esses rapazes
 querem folgar; é noite grande...
 — O CEGO

Vae... Bem fazes...
 — LUIZA (*para o quarto*)
 Venha d'ahi.

O CEGO (*agitando os hombros*)
 Agora vou. Não posso ver...
 — LUIZA (*para a alcova*)
 Mariquinhas, então?..

— O CEGO (*baixo*)
 Deixa lá... Vae lá ter...
 (*de novo a festada passa á porta*)

bis { Eu sou cravo e tu és rosa;
 qual de nós valerá mais?
 o cravo nasce á janella,
 a rosa pelos quintaes...
 CÔRO

Ai i ô ai! ..
 Eu venho d'abeira-mar;
 se eu agora não namoro,
 quando hei de namorar!
 — JOÃO (*saindo com Luiza*)

Adeus...
 — O CEGO
 E graças, do cigarro que me deste.
 — MARIA (*do quarto*)

Espere. Eu tambem vou.
 — O CEGO (*alto*)
 Adeus!
 (*baixo, para Maria*)
 Não vás com estes...

SCENA III
 O Cego e Maria
 — O CEGO
 Rapazes... Sabes lá onde elles vou...
 — MARIA (*desdenhando*)
 Aonde...

— O CEGO (*irritado*)
 A' noitada, ou assim... A gente nova esconde
 o seu caminho, é bem de ver. Depois, no fundo,
 vem este—bole; aquelle—diz...Coisas do mundo!...
 Mulher casada, linda ou feia... que ella seja,
 deve querer, de si, que nem o sol a veja.
 Quanto mais sendo linda... Este povo folgado
 mente aos olhos da cara; engana o mas pintado!...



Ignácio Peixoto no papel de Cego
 Mendonça Carvalho no papel de João
 (Clíchê Vasques)



— MARIA
Pois vou só. Deixa lá...
— O CEGO
E' a melhor companhia...

Ranchos!...
— MARIA (*entrando na cozinha*)
Sim, já foi tempo .. E eu não tenho
alegria...

Tomára vêr-me em casa...
— O CEGO
E era melhor. Assim,
não sei que é, nunca te sinto ao pé de mim...
Andas por lá, agora a is'o, logo áquillo...
Peor do que a cegueira é não viver tranquiillo...
Peor, muito peor...

— MARIA
Oh! Senhor, tu que queres?...
Tenho de caminhar... Não vês as mais mulheres,
fôra de casa, ao seu cuidado, á sua vida? ..

— O CEGO
Cego de todo, que sei eu da tua vida...
que sei...

— MARIA
Basta, por Deus!..
— O CEGO (*irritado*)
Por Deus... Que Deus me valha!..
Ser casada e andar no meio da canalha,
como as solteiras... Que dirão?... Que é do'do e
rêles!

— MARIA (*amargamente*)
Rêles...
— O CEGO (*commovido*)
Vamos... Perdão!... Não vás, não vás com elles...
Perdão... Estou aqui em todo o santo dia,
mal sinto o sol, é o teu amor que me alumia;
o teu amor que aquece esta alma e este lar...
Se eu louvo a Deus viver só por te ouvir andar!..
— MARIA (*inquieta*)
Tu não perdes a scisma...

— O CEGO
O amor entontece...
Todos temos apêgo ao que melhor parece;
é bem de vêr.
— MARIA (*triste*)
E tu não vês que me consumes?...
Doma-te, homem de Deus; é preciso que domes
o teu costume. Ao menos hoje: é a consoadá!..
(*chorando*)
Tambem, louvado Deus, não faltava mais nada
que chorar com a festa... Eu coberta em suor,
a cuidar, a poupar... Tambem era melhor
que me levasse Deus... Tambem, tambem...
tambem...
Sempre mettida aqui, não cuido em mais niu-
guem

nem um instante só... Como tenho eu vivido?...
E ao fim de tudo ainda é mal agradecido...
Se eu fôsse algu na louca!... Eu não sei o que faça...
Basta-me a vida, que nem pouco me embarça...
Basta...
(*para a missa, os sinos ouvem-se repicar, a distancia*)
— O CEGO
Está a tocar. Deixa-me aqui dois môlhos...
— MARIA (*poisando a lenha*)
Adeus...

— O CEGO (*n' um affago*)
Reza por mim. Limpa a agua dos olhos...
(*ouvindo fechar a porta*)
Deus vá contig...
SCENA IV

(*embrulhando o cigarro*)
Isto um homem, quando cega,
sem os olhos da cara o coração não chega
para levar a vida...
(*largo silencio; depois, palpando os bolsos*)
Os lumes... Eh!... bonito...
(*levantando-se*)
Na gaveta, talvez...
(*ouvindo o vento*)
Canta p'ra 'hi, maldito!..

— O CEGO
Está bem.
— O CEGO (*batendo a gaveta, com força*)
Então!... Raio de graça...
— O CEGO
Tua mulher virá.
— O CEGO (*tacitando a porta*)
Qual vem, nem qual cabaça.
Os olhos já lá vão, não vêem como os teus;
mas os dedos das mãos, louvado seja Deus,
inda vêem um pouco...
(*abrindo a torta*)
Então!
(*cerrando*)
Não é p'ra graças

o vento... Frio?...
— FRANCISCO (*olhando, triste*)
Muito...
O CEGO (*de braços abertos*)
Então tu não me abraças?...
— FRANCISCO (*abraçando-o*)
Como vaes?...
— O CEGO (*passando á lareira*)
Como quer... Tens aqui um torresmo;
aquece-te. E então?...
— FRANCISCO (*estranho*)
Não pareces o mesmo...
— O CEGO
Desgraças, como vês... Tinha de acontecer...
Um homem põe e Deus dispõe, é bem de vêr...
E a ti, como te vae? Como correu a vida?
— FRANCISCO
Bem... A tua mulher?...
— O CEGO (*acendendo o cigarro*)
Vem ahi de corrida;
foi á missa. Vem já.
— FRANCISCO
Pois eu por lá vivi...
— O CEGO (*alargando-se*)
A Maria e mais eu falavamos de ti!
— O FRANCISCO... o Francisco... Ao cabo, já
feliz,
ias ficando lá, quasi a deitar raiz!
Tantas cartas mandava... Emfim, na tua eade,
qualquer terra é poisio, e tem-se-lhe amizade...
(*triste*)
Mas eu ceguei, Deus sabe... A mulher é vadeira...
E cá, por mim, sempre te quiz á minha beira.
Anda ahi essa terra a maninho, á gavêla;
sem ter mão d'homem que a cave e cuide d'ella;
morta... Tens que fazer... Vaes ter que trabalhar!..
Olha: as vides, agora, inda estão por podar!..
Tudo ahi a cair, levado em desperdicio...
Eu não podia...
— FRANCISCO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..

— O CEGO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..

— O CEGO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..

— O CEGO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..

— O CEGO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..

— O CEGO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..

— O CEGO
Está de vêr: largaste o officio,
depois do mal que aconteceu...
— O CEGO
Então... Larguei...
A Maria inda faz alguma coisa... Adei,
vae-se ganhando p'ra comer... Se estou assim...
D'antes eramos seis, e nunca tinha fim!
Mais aqui, mais ali... Era obra á manada!
Que vezes fiz serão at's de madrugada!..
É eu a vêr tudo assim; cannas ahi aos môlhos!
(*amargamente*)
Sim, o gosto era muito... e Deus fechou
me os olhos!..



— FRANCISCO
E agora... nada... No que a sorte vos tem posto...

— O CEGO (*abstracto*)
Capaz de me perder a graça e a côr do rosto...

(*jogando o cigarro*)
Vamos, que ella saude, a bem falar, tem tido. E' um genio lá d'ella... Eu vivo divertido de a ouvir cantar. Tira-me quasi o medo. Levanta-se ao nascer, e ahi, de manhã cedo, lembra-me no Zé Bento em dia de festada:

— O CEGO
Ah!... se não fosse o fogo!... o fogo!... D'antes, sim!
D'antes que era vel-a aqui ao pé de mim!
Logo aquella maldito havia de cahir; e nós sem o salvar ou sem poder fugir...
Oh!... a polvora, o fumo!... Tu não fazes ideia no tempo em que uma casa acaba, se incendia!

Tinha ali uma obra em rima sobre rima; lá tremeu ou assim, e de lá de cima, bate no chão, arde n'um prompto, estala toda, pega fogo, a correr, ao que lhe andava em roda, a subir, a subir! — e a casa, n'um momento, ficou como se ao fogo o aticasse o vento!
Então, se mais depressa a gente se levanta, mais cedo o fumo, como um nó, contra a garganta, nos sufocava aos dois. Ella cae-me por morta!

(*erguendo-se*)
Ainda assim tomei-lhe o corpo, corro á porta, cerro a vista; quiz gritar, correr á estrada; mas a carga estoirou, com chamma alevantada; pôz-me os olhos em sangue... e ourei... e fui cahir...
(*amargamente e sentando-se*)
Mal eu sabia, então, que os não tornava a abrir!...
(*longo silencio*)

Uma desgraça...
— FRANCISCO (*mexendo o lume*)
Foi...

— O CEGO
Pillhou-nos de maré...
Agora estamos bem: não sae d'aqui ao pé, cuida de mim, cuida da vida, e sou feliz. Que isto é... A pensar, como o outro que diz, é preciso não ser nem parecer confiado. Foi assim que eu pensei em ter-te ao meu lado; não faltará alguém que ronde a casa; e assim, sempre é bom prevenir e ter-te ao pé de mim. Eu nada vejo... E a ter uma mulher esperta, faz mister não dormir, e olhar, e estar alerta! Ora um cego, a bem dizer, como é que ha-de?... Está a dormir, não vê o mundo...

— FRANCISCO
Isso é verdade...
— O CEGO
E' verdade, eu bem sei... Não é por duvidar!... Mas a vida d'agora é de fazer pensar; e ás vezes, sem querer, topamos maus instantes...

— FRANCISCO
E' melhor não pensar no que ha de vir...
— O CEGO

Mas d'antes, andava por ahi uma malta, de giro!... Dava alma, bem sei, de os correr a tiro. Era uma ronda a passear o dia inteiro. Vinham de Guimarães; corriam-me o quinteiro; farejavam... Canalha! Era bom que os corresse. Agora, não: como ceguei, não apparece; e foram-se de vez—não veio mais nenhum. Que a s leve o dem-nio a todos, um por um!

(*rindo*)
Até dá graça!... Isto a gente, como quer, sempre se agrada que lhe gostem da mulher! Dizia eu cá: vocês andaes ahi á roda, quando afinal sou eu que a tenho... toda, toda!

(*á portada, um rancho de creanças canta, n'uma toada popular:*)

«As jaiceiras nã» se cantam
nem aos reis, nem aos fidalgos...»
— O CEGO (*irritado*)

Rua, rapazes. Vós quereis... Toca na estrada... Caminhae...

— FRANCISCO (*junto á mesa*)
E é então tão bonita a cunhada?!...



O actor João Calazans no papel de Francisco
(Clutché Vasques)

mais cantiga d'aqui, mais d'al... animada! Parece que inda vejo, ou que o azar passou. Viva Deus, que inda bom!

— FRANCISCO
Ella como ficou?

— O CEGO (*estranho*)
«Como ficou?!...»

— FRANCISCO
Do fogo?...

— O CEGO
Ah!... Como toda a gente. Não tem mal nenhum, não senhor. Felizmente! Que isto é: eu temi, mas foi pela cegueira. Está de ver: bon ta e moça á minha beira e eu cego... E' triste... Faz tris'teza, na verdade... Mas canta. E a lidar?!...

— FRANCISCO
Sempre é ter amizade!



—O CEGO (*com orgulho*)
 Vaes vê-la! Vem ahí! Só se não sair logo.
 —FRANCISCO
 Foi feliz! Não morrer; não se ficar no fogo...
 —O CEGO
 E' verdade!... Um milagre! Ia quasi abafando.
 Mas lá vingou; voltou á vida! O mal foi brando.
 Se ella cega... Pobresinha... Faz lembrar
 que mesmo o fogo tinha pena de a estragar!
 Até o fogo!...

—FRANCISCO

Ainda bem...

SCENA VI

Os mesmos e João

João (*entrando; para Francisco*)

Então... cá estás!

À este vento! Faz um frio...

FRANCISCO

Isso é que faz!

Como vae ti! João?!

—João

Andando, Deus louvado.

Tu estás féro! Nem pareces um soldado
 lá d'essas terras!...

—O CEGO

A valer!

—João (*tirando uma apontas da orelha*)

Sim, uns tres annos... Tres!...

Teu irmão era só. Inda então, de longada,
 corria leguas para vêr a namorada!...
(batendo no hombro do cego, com ironia)
 Isto é que foi!...

—O CEGO

Sim... Bem te vae!...

—João (*levantando-se*)

E a ti melhor;

que estás ao lume, e eu ando ao vento.

(accendendo o cigarro nas brazas)

Sim, senhor...

(fumando)

O tempo corre...

(para Francisco)

Inda não vistes a Maria?...

—FRANCISCO

Nada...

—O CEGO

Não tarda ahí.

—João

Pois era a melhoria

das moças! Sim, senhor! No riso e no brincado,
 em rapariga!... Upa!



SCENA VII

João, o Cego e Francisco

—FRANCISCO

Mas então como que ia?!

—João

Ora!... Magro, é de vêr.

—O CEGO

Mas elle, lá, comia!

Então a tropa passa mal?...

—João

Não digo assim.

Sempre andar carregado a toda a hora... Emfim...
 deve cançar.

—FRANCISCO

Pouco mais é que aqui na aldeia.

—João (*sentando-se*)

Pois bem te vae. Tornas ao caldo e á candeia.
 E' preciso, é preciso... O teu irmão, agora,
 coitado, está assim... E os campos, ahí fora,
 deitaram pedra, vão maninhos, não dão greiro...
 E' preciso cuidares da cêpa e do quinteiro.
 Tu, inda assim, andastes lá... eu sei... talvez...

—FRANCISCO (*adeantando*)

Tres annos.

(sorrindo)

O teu irmão tem dedo!...

Olha que eu cá por mim já sou um caco velho;
 mas quando a vi, pelo S. Braz: lenço vermelho,
 arrecádas de peso, em collete, e a riqueza
 dos seus cordões de dez moedas — com franqueza,
 mulher assim, a bem dizer, nunca topei!

(para o cego)

Lembrou-me a minha Rosa, ao tempo que eu casei!
 Han?!...

—O CEGO (*sorrindo*)

Vae-te...

—João

Traste!...

(para Francisco)

Andava lá rapaziada

a dar c'um pau! Aquillo tudo de festada,
 em cantoria! Cá então, esse sujeito,
 d'alfadega na orelha e de viola ao peito,
 todo filaúcias para a moça e para a mãe:
 cantava aquí, cantava ali, cantava além!
 Han!... Eu bem o vi... E alegre, no dançar!

Lá amanhou um rancho, e adrega a moça a par!
 Ora ella, que não é medrosa, nem se pinta, arregaçou-se, e um pé á frente, as mãos na cinta, ella lá vae a rir, de rosto avermelhado,
 —como uma papoula antre o trigo crestado, saias ao vento, as mãos no ar, voando toda!...
 como dançasse no terreiro, pela boda!
 Foi dançar sem ter fim! Já ia o fogo ao ar, e ainda elles, divertidos, a folgar, salta d'aquí, salta d'ali!... Ah! meu rapaz! foi a dança maior que houve no S. Braz!

(pequeno espaço)
 E' decidida... A Maria é decidida...
 —FRANCISCO (sorrindo)

Ainda é nova!
 —João (entresticendo)
 Sim... é nova... Vou-me á vida...
 Adeus... Ficae ao lume...
 —O CEGO (triste)
 Adeus, João...

(sorrindo)
 Este João, lá a contar, tem certa áquella!...
 Como elle se lembra!...

(alvorçado, ouvindo os sóccos na estrada)
 Ah! a tens! E' ella!
 (levantando-se)
 Era um instante, vês! Eu logo t'ô dizia.
 (para a porta)
 O Francisco chegou! Anda vê-o, Maria!
 Avia-te d'ahi. Quer vêr essa lindeza!

SCENA VIII
 (Os mesmos e Maria)
 —FRANCISCO (n'uma gargalhada)
 Olha que te enganastes!
 (Maria, vendo Francisco, estaca na soleira da porta immobilizada de terror. Mostra o rosto avariado, rudemente, pelo incendio).
 —O CEGO (parando repentinamente)
 Enganei?!...
 —FRANCISCO (continuando a rir)
 Com certeza.
 Não é ella.
 —O CEGO (immobilizado)
 Pois quem?... Se ouvi!... Se a sentia!...



SCENA FINAL: Os actores Ignacio, Palmyta Torres e Calazans (Cliché Benólie).

—João (como reflectindo) A gente, quando se lembra d'isto e lembra o resto, sente tal força de pesar nadando cá no peito...
 (para Francisco)
 Olha o que depois houve!... Um temporal desfeito...
 —FRANCISCO (olhando o cego)
 Adeus, tio João...
 —João (caminhando)
 Adeus ficae ao lume...
 Eu cá me vou...

SCENA VII
 O cego e Francisco
 —O CEGO (depois d'um pequeno espaço)
 ... O que me atem, n'este negrume, é a certeza que a outra gente que a fita, louvado Deus, inda a vera nova e bonita. Eu por mim, quando sós, são abraços aos molhos; não me faz falta a vista—o coração tem olhos. Quando ella me fala, na alcova, a sorrir, rio tambem, e estou a vê-a, sem mentir.
 (bruscamente)
 Dize lá aos outros que m'a venham cubiçar... Não faltarão ahi... Fizeztem bem chegar... Não pôde um homem ter mulher que seja sua: são trinta cães, rondando a casa e enchendo a rua...

—FRANCISCO
 Esta velha?...
 —O CEGO (agitado)
 O qué?!... Elle que diz, Maria?!...
 Póde lá ser!...
 (mais inquieto)
 Então?!...
 (quasi n'um grito)
 Tu não ouves falar?!
 —MARIA (de joelhos, estendendo as mãos supplicantes para Francisco, diz, a tremer e a rir para o cego)
 Velha, meu Deus!... E' o teu irmão que quer brincar!...
 (MARIA enxuga as lagrimas, suffocadamente; FRANCISCO cae n'uma cadeira, horrorizado; O CEGO sorri, de allivio!...)
 —
 (Cae o panno, rapidamente)

ALFREDO GUIMARÃES

Nota.— Esta peça foi representada, pela primeira vez, na noite de 12 de abril do corrente anno, no theatro de D. Maria II.— Reservados todos os direitos de edição e representação.

UMA FEIRA DE GADO



O novo quadro de Carlos Reis destinado ao Museu Nacional de Bellas Artes

(Cliché Benoliel)



· A · ITALIA · CELEBRA ·
· A · SUA ·
UNIFICACÃO



1—O senador sr. Tommaso Villa, presidente da comissão executiva da Exposição Internacional de Turim
2—O sr. conde de San Martino e Valperga, presidente da comissão executiva das festas comemorativas de Roma. 3—Campidoglio em Roma

A Italia prepara-se activamente para comemorar em Roma e em Turim o cincoentenário da sua constituição em reino unido, com a *Cidade Eterna* por capital.

Foi no dia memorável de 27 de março de 1861, que, no parlamento subalpino, os representantes da terceira Italia, «na audacia invencível da sua vontade», como diz o manifesto dos syndicos das duas



O Forum em Roma



O Colyseu

de Roma

idades, atrairam ao mundo inteiro com a declaração do seu firme proposito de tornarem a patria una e livre, dando-lhe como cabeça e guia para os seus novos destinos de civilisação e de progresso Roma, o reducto tantas vezes secular do Papado.

Como esta atrevida promessa se cumpriu, sabem-o todos, porque se trata de factos da historia contemporanea; e como d'esse cumprimento resultou a redempção politica, moral e economica de um povo que o cazarismo dos seus multiplos senhores e o dominio temporal da Igreja reduzira a um estado de verdadeira degradação e ruina, melhor o sabemos todos ainda, porque a Italia é, n'este momento historico, um dos paizes da Europa que mais chama a attenção pelo immenso caminho que n'este meio seculo tem sabido fazer no campo da industria, do commercio, das sciencias,

das conquistas politicas e da reorganisação das finanças do Estado.

Foi só, é certo, nove annos depois da data que vae commemorar-se, em 20 de setembro de 1870, que os italianos penetraram, pela brecha da Porta Pia, na cidade papal, e Victor Manuel II pronunciou o famoso: *Ci siamo, ci resteremo*; mas desde 27 de março de 1861 a sentença condemnatoria da temporalidade da Igreja estava promulgada sem possibilidade de appellação.

Nada poderia deter já a obra grandiosa concebida por Camillo Cavour e por José Mazzini e posta em execução pelas espadas do rei soldado e de Garibaldi. E', pois, esse o dia verdadeiramente sacro á Italia nova e livre, e nenhuma commemoração poderia revestir um mais alto significado na historia de um povo do que a que se prepara.



Plano da Exposição Universal de Turim



Sr. commendador Antonio Bianchi, vice-presidente da comissão de Turim.



Sr. Lambertini Pio, commissario do governo portuguez nas festas commemorativas de Roma.

Logicamente, a celebração reparte-se entre as duas cidades italianas; Turim, a antiga capital, berço da nação una e sede do parlamento,

onde a audaciosa transformação foi proclamada, e Roma, a nova metropole, *caput mundi*, impere-

ligeira nota. Por aqui, porém, se pôde fazer já uma idéa da grandeza, interesse e variedade que ha de offerecer a empreza a que a capital do Piemonte mettuu ombros; — sobretudo se considerarmos que até esta data já asseguraram

em a grandeza dos seus destinos.

E como Turim é hoje o centro da região onde a actividade economica do novo reino mais se tem affirmado, e Roma continua a ser, e será sempre, acima de tudo, o pharol do pensamento humano — Turim encarregou-se de levar a effeito uma grande Exposição Internacional de Industria, de Trabalho, e de todas as manifestações que com a riqueza material de um povo contendem, ao passo que Roma reservou para si as exposições patrióticas, historicas e artisticas, que melhor se conformam com o seu caracter e com a sua gloriosa tradição.

Os principaes grupos em que se reparte a exposição de Turim são: Industria e ensino profissional, escolas, fabricas e laboratorios de aperfeiçoamento; instrumentos de medida e apparatus scientificos; photographia e mais applicações; mechnica geral; electricidade; obras publicas; industria dos transportes, caminhos de ferro e tramways; navegação mercante; navegação interna; navegação aerea; serviço de correios; industrias do sport; a cidade moderna, municipalisação dos serviços; ornamentação e mobiliario da casa; instrumentos musicos, material de theatros; silvicultura e industrias florestaes; agricultura, machinas agricolas; industrias e productos alimentares; industrias textis; industrias do vestuario e da toilette; ourivesaria e artigos de phantasia; industrias do couro e outras; o jornal e a arte da impressão; economia social; colonisação, emigração e colonias; preparação da defeza do paiz.

Os 26 grupos do programma subdividem-se em 67 classes, cuja enumeração não é compativel com os limites d'esta



a sua participação e marcaram espaço para construir pavilhões os seguintes Estados: França, Allemanha, Inglaterra, Hollanda, Belgica, Russia, Roumania, Servia, Argentina, Brazil, Bolivia, Columbia, Chili, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua, Salvador, Peru, Equador, Baviera, Japão, Persia, Sião, Hespanha, Estados Unidos, Suissa, Hungria, Uruguay, Venezuela, Turquia e Austria.

Como se vê, já com difficuldade se encontra no mappa mundi um paiz decente para fazer sociedade comnosco na abstenção! E pensar (pondo mesmo de parte as razões de dignidade nacional) que a nossa industria de exportação para Italia, attingindo a verba de 6,308,616 francos, mostrando-se ainda susceptivel de um largo desenvolvimento quanto aos generos coloniaes (café e cacau) teria o maximo interesse, mesmo sem o concurso do Estado, em aproveitar este excellente meio de propaganda aos seus productos!

A maior parte dos pavilhões dos paizes acima mencionados acham-se em via de construcção, e muito adiantados se encontram tambem todos os palacios e edificações feitas á custa do comité nacional das festas.

A amigavel rivalidade das duas capitães italianas, a que foi e a que é, e o espirito tenaz e empreehendedor do piemontez transformaram Turim n'um enorme *chantier* e hão de levar ali no proximo anno milhares de visitantes e de estudiosos.

O presidente da comissão organisadora é o venerando senador Villa e o vice-presidente o commendador Bianchi. Portugal acha-se lá representado dignamente pelo nosso consul, barão Antonio Nasi di Cossombrato, nomeado

para o effeito com governo portuguez.

O programma da ção de Roma é de e variedade taes que vel se torna leval-o effeito, dado o pouca para a con construcção e Assim, por meroda da Ex cheologica,

missario do

commemora- uma vastidão quasi impossina integra a tempo que resclusão das preparativos. exemplo, o nu- posição Ar- para a qual de-

do ha quasi trinta an- nos e que, com o nome de Victor Manuel II, se destina a consagrar perante a posteridade a unidade da nação. Sem embargo, elle será inaugurado solememente, substituindo-se as partes decorativas que estiverem por acabar com *panneaux* que darão uma perfeita idéa da bella obra de Sacconi quando concluida. Mas muito resta ainda que

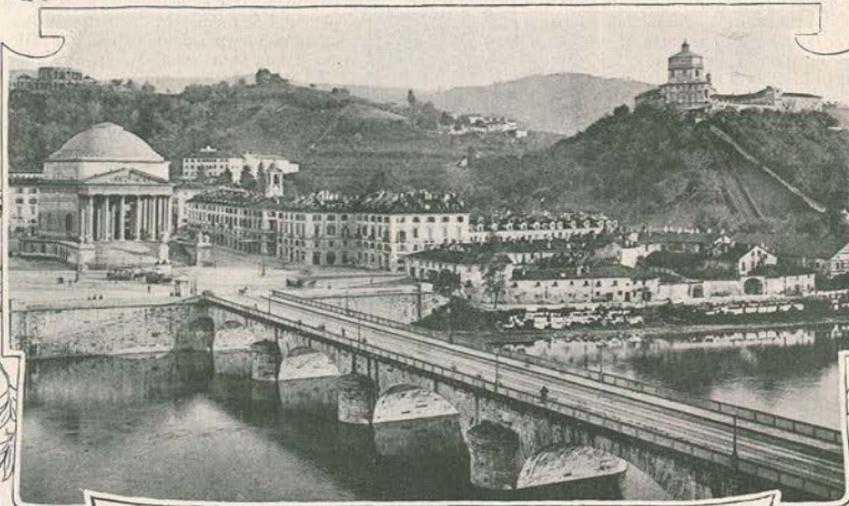


O grande zimbório de Turim

veriam contribuir todas as provincias do antigo Imperio Romano, da Asia á Peninsula Iberica, da Mauritania á Allemanha, com as reproduções dos monumentos que a mãe Roma por ellas espalhou, é concepção grandiosa de mais para poder conseguir uma condigna execução pratica. E igualmente se sabe já que não é materialmente possivel concluir para o proximo anno o colossal monumento em que a Italia está trabalhan-

baste é sobejo para attrahir a curiosidade dos forasteiros em 1911 para a Cidade Eterna que por si só tanta fascinação exerce já na mente de todos os povos.

O numero principal do programma, a *Exposição Internacional de Pintura, Architectura, Desenho e Gravura*, cujo exito está assegurado pelo concurso dos melhores cultores de Bellas Artes de todo o mundo, bastaria a justificar uma visita a Roma para o anno.



A igreja da Madre di Dio e o Monte di Cappuccini em Turim

Mas a esta mostra vem juntar-se outras, da *topographia romana*, da *idade media*, da *renascença*, do *settecento*, dos *cincoenta annos de unidade*, dos *estrangeiros em Roma*, que pela originalidade e pelo facto de só Roma as poder pôr em pratica, são outros tantos attractivos para os curiosos e para os homens de estudos.

Não menos interessante deve resultar a *Exposição Ethnographica*, onde se concentrarão os numerosissimos e variados documentos dos usos e costumes regionaes da península, vestuários, joias, penteados, instrumentos de uso pessoal e domestico, mobiliario, canções populares, proverbios, cabalas, litteratura, etc.

Cimaroza e Pergolese até á nova opera que Mascagni está escrevendo expressamente, e desde o theatro classico até ás tragedias de D'Annunzio.

O programma das festas e do sport, em que larga parte é dada á aviação, comprehende um concurso hippico internacional a que todos os governos estrangeiros foram officialmente convidados a participar.

Quanto a inaugurações, além da do monumento a Victor Manuel, terão logar a do *Paseio Archeologico* em que se está trabalhando ha uns poucos de annos, a do *Jardim Zoologico*, modelado pelo de Hamburgo, a da nova Sala da Camara dos De-



O burgo medieval em Turim

N'esta exposição vêr-se-hão reproduzidas casas inteiras e aspectos vividos dos costumes e do trabalho nas diversas provincias, espectaculos tradicionais do povo (*burrattini*, *pupi*, etc.), festas publicas, como o *Palio* de Siena, e ainda se verá a reprodução integral d'algumas das grandes fórmãs de actividade regional, como, por exemplo, uma *Zolfara* da Sicilia.

Fóra do campo das exposições, Roma propõe-se a offerecer aos seus hospedes do anno proximo representações musicas e dramaticas historicas, onde se possa passar em revista toda a evolução da musica desde a obra de

putados, etc. O comité das festas é presidido pelo conde de San Martino, ao qual a arte romana em todas as suas variadas manifestações tanto deve, e compõe-se das principaes auctoridades da capital italiana nas diversas especialidades o programma.

O commissario do Governo Portuguez é o sr. Lambertini Pinto, o activo secretario da nossa Legação ali e que n'este momento se encontra em Lisboa trabalhando na reunião dos elementos para a nossa representação no grande certamen e ainda na Exposição dos Estrangeiros em Roma e no concurso hippico.

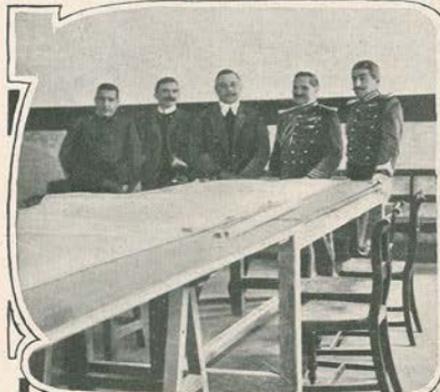


VISTA D'EL-REI AO HOSPITAL DE SANTA MARTHA.

El-rei visitou, em 20 de abril, o novo hospital de Santa Martha, instalado no antigo convento do mesmo nome. O enfermeiro-mór, sr. Curry Cabral com o capellão do hospital de S. José e o engenheiro sr. Luiz de Mello Correia acompanharam o



cabendo em todos elles quinhentas e vinte e seis camas. As cozinhas são espaçosas e montadas nas melhores condições, assim como são vastas todas as outras dependencias. As casas das roupas, estufas, enfermaria



2 — A comitiva real de que faziam parte os srs. marquez de Faval, coronel Seabra de Lacerda e major Alvim com o capellão do hospital de S. José e o representante da casa installadora da electricidade durante a visita regia

soberano durante a sua demorada visita ás novas installações hospitalares.

O hospital de Santa Martha tem dez enfermarias e quatro grupos de quartos particulares



3 — A cozinha do novo hospital

de cirurgia, as installações do dispensario e das consultas externas correspondem magnificamente ao fim para que foram adaptadas, devendo ser mobiladas dentro em pouco para commear a funcionar este novo hospital de Lisboa.

1 — El-rei analysando a planta do novo hospital
4 — O soberano á saída do hospital de Santa Martha
(Clichés de Benoitte)

O TORNEIO DE TIRO NO ELITE SPORT CLUB DO PORTO

O Club do Tiro aos Pombos da Tapada d'Ajuda tem já as suas largas tradições. El-rei D. Carlos passava tardes no stand, fazendo prodígios como atirador diante da numerosa concorrência que ali comparecia e se interessava pelas varias phases d'esses exercicios em que o soberano era sempre o primeiro, não porque se quizesse fazer destacar a sua segurança na pontaria, mas porque esta era realmente notavel.

Sempre que o chefe do Estado ia á tarde para o campo do tiro, uma grande quantidade de gente do povo entrava na Tapada, collocava-se em volta das traves que separavam o stand do resto da grande propriedade e seguia, com uma enorme curiosidade, as suas pontarias.

Por ultimo ia tambem ali o principe real D. Luiz Filippe, que mostrava de dia para dia reaes progressos, alvejando com segurança e raramente falhando um tiro.

Chegavam a ser tornelos de verdadeiro entusiasmo os que ali se realisavam. Por vezes as rainhas assistiam a esses exercicios e ali esteve tambem o rei de Inglaterra n'uma memoravel sessão, como

Loubet e o duque de Connaught admirando os prodigiosos tiros de D. Carlos.

Ultimamente tem-se continuado na Tapada d'Ajuda o tiro aos pombos e um grupo de atiradores d'este club foi ao Porto, ao stand de Covello, pertencente ao Elite-Sport-Club, a fim de disputar o campeonato de tiro nacional, o que se



1—O sr. dr. Frederico da Costa Pinto, vencedor do campeonato de tiro de Portugal
2—Grupo de socios do Elite Sport Club. 3—Grupo de socios do Club de Tiro da Tapada d'Ajuda.
4—Um grupo de atiradores.



Grupo de atiradores.

realisou em 9 e 10 de abril.

Muitos membros da primeira sociedade portuense assistiram á animada diversão; as senhoras interessaram-se por aquelle torneio onde reinou sempre o maior entusiasmo; muitas pessoas disputaram entradas para essa sessão que teve todo o cunho d'uma magnifica festa elegante.

Durante o torneio foi servido um fino *lunch*; trocaram-se affectuosos brindes; passou-se uma tarde de encanto que recordou as da Tapada d'Ajuda quando ali concorriam as primeiras pessoas da sociedade. Decorreu sempre animadissimo o exercicio, tendo obtido o premio da maior serie, que foi de onze pombos, o sr. Luiz Oliva.

O primeiro premio do campeonato coube ao sr. dr. Frederico da Costa Pinto, filho do fallecido provedor da Casa Pia sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, ficando o seu nome inscripto na



Taça do campeonato e premios do torneio junto á tribuna.

que, conde de Castro Guimarães, Luiz Oliva, Jorge Bleck, João Luiz Monteiro e Aurelio Martins.

Por todos os motivos, interessante foi esse torneio onde os atiradores de Lisboa e Porto mostraram a sua pericia no difficil exercicio.

Brevemente, ao que se diz, virão os membros do Elite Sport Club do Porto ao stand da Tapada d'Ajuda, onde se realisarão as sessões de tiro, que sem duvida ali chamarão uma elegante concorrência e onde mais uma vez se affirmarão as notaveis aptidões dos distinctos atiradores.



Um aspecto do stand no local dos convidados.
(Clickês do Estereoscópio Portuguez, do sr. Aurelio da Paz dos Reis)